

Proletários de todos os países: UNI-WOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

POR UMA CAMPANHA ELEITORAL DEMOCRÁTICA DE MASSAS

Os governantes fascistas já abriram há muito a campanha eleitoral. A reestruturação do partido único, «União Nacional», e a substituição de governadores civis, presidentes e vice-presidentes das Câmaras Municipais, tendo o objectivo principal de colocar nos postos-chave homens da confiança da clique de M. Caetano, visam também a preparação e o fortalecimento da máquina eleitoral fascista.

A pretexto da tomada de posse de governadores civis e das comissões da «União Nacional», o governo tem vindo a realizar a mais descarada propaganda eleitoral. Ao mesmo tempo, ataca, calunia e ameaça os democratas que corajosamente procuram organizar-se em Comissões Democráticas, Promotoras de Voto, Cívicas e outras, com o fim de ajudarem os cidadãos a recensear-se, para que seja reclamado o direito de organização, de propaganda, de fiscalização do acto eleitoral, etc., condições indispensáveis para que as próximas «eleições» não passem de mais uma grosseira farsa do regime.

No acto de posse do governador civil de Faro, em 9 de Janeiro passado, o ministro do Interior, Rapazote apelava abertamente para «a solidariedade do país no próximo acto eleitoral». Quinze dias decorridos, no acto de posse do governador civil de Castelo Branco, depois de considerar ilegais as comissões democráticas e ameaçar veladamente os democratas, depois de agitar a monstruosa lei fascista que retira aos democratas o direito de se reunirem, organizarem e propagar os seus ideais e programas, o fascista Rapazote apelava de novo para os eleitores para que votassem nos candidatos do governo.

Mente o nazi-fascista Cazal-Ribeiro e mentem outros apauzados do regime quando, invertendo os factos, procuram fazer crer que a campanha eleitoral não foi iniciada já há meses pelo governo.

Os democratas não podem nem devem esperar

Os democratas não têm, pois, que esperar. Devem, sim, incrementar e alargar a sua actividade democrática, quer criando centenas de comissões democráticas eleitorais e outras por todo o País, quer levando a efeito largas reuniões para concertarem a escolha de candidatos, elaborarem os seus programas de acção e as formas de as popularizarem

entre as massas populares, para definirem as linhas orientadoras da campanha eleitoral da Oposição.

Agitando freneticamente os espantalhos do «perigo comunista», da «subversão», da «desordem», da «multidão ululante» e da «guerra civil», a camarilha fascista de M. Caetano procura confundir as massas populares e os democratas de branda ténpera. Tenta assim desviá-los do caminho da luta sob todas as formas, organizada e unida, pelas liberdades democráticas.

O crescendo das lutas populares de massas a que vimos assistindo

(continua na 2.ª pág.)



1.º DE MAIO Jornada de luta

«Avante!» saúda os trabalhadores portugueses pelo 1.º de Maio, dia internacional dos trabalhadores. Saudamos especialmente os milhares de operários que desde o princípio do ano vêm travando valentes lutas contra a exploração capitalista, contra a política fascista de congelamento de salários e a subida do custo de vida.

Aos operários industriais e agrícolas, aos empregados dos transportes e dos serviços públicos, aos pescadores, a todos os trabalhadores, fazemos o apelo:

- Não trabalheis no dia 1.º de Maio!
- Organizai reuniões e assembleias para a discussão dos vossos problemas de trabalho e dos grandes problemas políticos do momento.
- Que os gritos de «Pão! Liberdade! Fim das guerras coloniais!» marquem o ritmo dos vossos passos nos desfiles de rua, manifestações e concentrações.

O 1.º de Maio vai ter lugar num momento em que se abre a perspectiva de novas e grandes lutas de massas contra o fascismo, à volta das «eleições» para a Assembleia Nacional, da luta contra a repressão, pela amnistia e pelas liberdades democráticas. A unidade e combatividade revelada no crescimento do movimento reivindicativo dos trabalhadores e na acção destes pela eleição de listas da classe para as direcções dos sindicatos, as valorosas lutas estudantis, a movimentação democrática à volta das comemorações do 31 de Janeiro e das próximas «eleições», são a base e preparação de novas e mais importantes batalhas políticas, nas quais a classe operária tem um papel de vanguarda a desempenhar.

Não trabalhar no dia 1.º de Maio!
Que o 1.º de Maio seja um dia de protesto e de luta!
Viva o 1.º de Maio!

NOVAS GREVES

paralisações e concentrações

SOBE A 70.000 O NÚMERO DE TRABALHADORES EM LUTA NOS PRIMEIROS 45 DIAS DO ANO

As grandes lutas reivindicativas desencadeadas desde o princípio do ano são ainda mais poderosas e englobam maior número de operários do que o primeiro balanço, ainda incompleto, fazia supor. Sobem a mais de 70.000 o número de operários que se lançaram em greves e outras batalhas reivindicativas contra o congelamento de salários e pelo aumento destes para poderem fazer face à vertiginosa subida do custo de vida, contra a intensificação de trabalho, contra a exploração capitalista.

SACOR — No princípio do ano, os operários e empregados desta grande empresa de petróleos apareceram no trabalho com o forro do bolso de trás das calças de fora. Esta forma original de luta por aumento de salários assustou a administração, que receando a greve se apressou a prometer aumento. Como este demorasse, os trabalhadores fizeram um segundo aviso, aparecendo de novo com os bolsos de fora. Assustado com uma possível greve, o patronato cedeu o aumento pedido.

FÁBRICA DE TECIDOS DE TORRES NOVAS — Na primeira quinzena de Fevereiro os operários desta importante empresa têxtil fizeram greve de braços caídos, durante um dia, por aumento de salários. Venceram. Os operários da filial desta fábrica, na mesma localidade, fizeram também greve durante algumas horas. Mas, iludidos pelas «boas» palavras do administrador, retomaram o trabalho sem a garantia da concessão do aumento.

VITÓRIA NA FORD E NA GENERAL MOTORS — Os 800 operários da Ford e os 600 da General Motors conquistaram com as suas greves 22\$50 de aumento

diário. Na Ford estavam a 5 dias por semana; agora trabalham os mesmos 5 dias com mais uma hora, mas ganham o salário de 6 dias. Nas duas empresas as lutas foram encabeçadas por comissões de unidade.

CEL-CAT — Além do pagamento do 7.º dia, anunciado no último número do «Avante!», os operários conquistaram mais 15% de aumento geral.

SOCIEDADES REUNIDAS REIS (Sacavém) — Na segunda semana de Fevereiro todo o pessoal parou o trabalho para ir à gerência apresentar o pedido de aumento. Perante a negativa, retomaram o trabalho em regime de «cera». Na secção de teares, por exemplo, a produção de sacos para adubos baixou de 200 sacos para 60, por operária. Esta acção proporcionou-lhes a vitória: Todo o pessoal passou à categoria de mensal, embora no seu interesse recebam à quinzena.

FÁBRICA DE LOIÇAS DE SACAVÉM — Depois de passarem alguns meses sem serem atendidos nas suas reivindicações de aumento de salários e melhores condições de trabalho, os operários passaram a alterar e contrariar as indicações dos encar-

regados, entrando na «desorganização do trabalho» como forma de luta.

LANIFÍCIOS MANUEL DINIZ — VIÚVA — Uma comissão de mulheres e outra de homens reclamaram aumento de salários à gerência. Conseguiram um prémio semanal de 25\$00 para as mulheres e 30\$00 para os homens.

GREVE DE 2 DIAS NA BIS — Nesta fábrica de artigos de borracha da Venda Nova os 350 operários fizeram greve na última semana de Fevereiro reclamando aumento de salários. A polícia apareceu e tentou intimidá-los, mas os operários mantiveram-se firmes e conquistaram um aumento de 15%.

GREVE NA TABAQUEIRA — Albarraque — Os operários fizeram greve por aumento de salários na segunda semana de Fevereiro.

PARALISAÇÕES DE TRABALHO — Na SAPEC, de Santa Iria, os operários passaram a fazer «cera» depois de paralisarem o trabalho, e conquistaram o pagamento mensal.

Fizeram também paralisações os da ECRIL (Baixo Ribatejo).

(continua na 2.ª pág.)

GREVES, PARALISAÇÕES E CONCENTRAÇÕES

(continuação da 1.ª pág.)
dos viveiros da IDAL de Vila Franca de Xira, da FÁBRICA DE GARRAFOES de Porto Alto, do ALFREDO ALVES (COMETNA) da Pinhal Novo.

COVINA — Chegaram-nos novas informações sobre a greve dos operários da empresa. Comejá neliciámos, depois da greve de 11 de Fevereiro a PIDE e a GNR encerraram e ocuparam a fábrica. Impedidos de entrar, os operários concentraram-se em massa à volta da fábrica, entrando em choque com as forças repressivas, que por fim os obrigaram a dispersar. Mais tarde a GNR foi ao bairro social com ordem de despejo, mas os operários, juntamente com as mulheres e filhos resistiram valentemente e não abandonaram as suas casas.

A combatividade e firmeza dos grevistas foi abalada pela divisão: — a secção de fornecedores dessolidarizou-se da massa dos seus companheiros, quebrando a unidade da luta. Facilitaram assim o avanço da repressão e o derrota. O clima de divisão deu ao despedimentos, perseguições e represálias do patronato. Mas a classe parece ter tirado as lições da derrota, sem desanimar: — Os operários da Covina entraram de novo em greve nos dias 3 e 4 de Março, do qual não sabemos ainda o resultado.

FÁBRICA DE MALHAS BARROS
Aqui, a forma de luta foi o trabalho lento, de 3 a 6 de Fevereiro. A PIDE interveio, o que provocou reacção violenta dos operários que obrigaram os pides a dar a fora. Estes voltaram a aparecer com a PSP que entrou nas secções da fábrica ameaçando mulheres e homens, que se mantêm firmes na sua luta por aumento, mas são obrigados a abandonar a fábrica. Na manhã seguinte a PSP apareceu de novo, mas o trabalho lento continuou. Obtiveram uma vitória parcial: — aumento diário de 5\$00 para os homens e 4\$00 para as mulheres.

LABORATÓRIOS WANDER — Cerca de 100 empregados fizeram greve durante meio dia. Nos outros laboratórios de produtos farmacêuticos dos arredores de Lisboa lavra grande agitação e descontentamento entre os empregados que reclamam aumento de ordenado de 10 a 15%.

MATADOURO MUNICIPAL DE LISBOA — No dia 17 de Fevereiro os trabalhadores fizeram paralisação total reclamando aumento de salários. O presidente da Câmara, general França Borges, acorreu ali procurando intimidar. Um trabalhador estendeu uma faca em direcção a ele dizendo: «Vá você matar os bois!» O trabalho recomeçou em regime de «cera».

Na mesma altura, na secção Técnica-Motoristas (Alcântara) também da Câmara, «desapareceram» as chaves de todos os carros, pelo que o pessoal não pegou no trabalho. Mas a falta de um anterior trabalho de organização para coordenar e dirigir a luta não permitiu que esta avançasse.

Organizando-se melhor e unindo-se mais estreitamente, os 16 mil trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa conseguiram conquistar aumentos de salários.

LISNAVE — Também nos estaleiros de Lisboa 2.250 operários participaram na luta por aumento, assinando em massa uma exposição reivindicativa. Estiveram assim envolvidos na recente luta reivindicativa 4.500 operários desta empresa de construções navais.

MANIFESTAÇÃO EM DELAÉS — No passado mês de Dezembro, mais de 500 operários têxteis sem trabalho (da fábrica ATMA) concentraram-se durante horas junto do Sindicato exigindo o pagamento das indemnizações a que têm direito.

LUTA SINDICAL — Vitória da classe no SINDICATO DOS META-

LÚRGICOS do Porto. Mas sob um falso pretexto foi anulada pelo INT. A lista eleita recorreu da decisão arbitrária para o Tribunal.

A homologação da direcção dos BANCÁRIOS de Lisboa, eleita no ano passado, representa uma vitória. Também os BANCÁRIOS do Porto obtiveram uma grande vitória com a eleição da lista proposta pela classe para a direcção do Sindicato.

Empregados de imprensa — movimentam-se para a realização duma Assembleia Geral em que sejam discutidas a situação do Sindicato e a revisão do Contrato Colectivo.

OUTRAS LUTAS POR AUMENTO DE SALÁRIOS — Na COPAN (Baixo Ribatejo) realizou-se uma concentração de todos os operários junto da direcção. Paralisações na TUDOR de Castanheira do Ribatejo e na empresa da mesma companhia alemã no Dafundo. Na METAL, de Castanheira do Ribatejo começou a movimentação, influenciada pela TUDOR.

— Na sua esmagadora maioria, as greves e paralisações conquistaram vitórias totais ou parciais, o que constitui para o proletariado a comprovação prática e palpável da importância das greves e dos resultados que estas podem conseguir.

— Formas novas e originais de protesto e de luta foram utilizadas, demonstrando a imaginação e espírito criador das massas quando estas se lançam ardentemente ao combate. É o luto dos ferroviários, simultaneamente forma de luta e de publicidade à luta, que saltou por cima da mordada fascista da censura à imprensa, tornando conhecida a luta e conseguindo para esta a compreensão e apoio da população. É a luta dos «bolsos de fora», na SACOR, forma original de protesto colectivo. São os cartazes colocados na Simões de Benfica, como ameaça aos patrões.

— Em todas estas lutas ficou bem demonstrado o papel e a importância das comissões de unidade, assim como de outras formas de organização, nas empresas e classes profissionais. Em dezenas de empresas os operários empreenderam valentes batalhas reivindicativas sob a direcção de comissões eleitas democraticamente em reuniões e assembleias. Onde o trabalho organizativo foi bem alicerçado, conduzido por comissões ligadas à massa operária, conseguiu-se a unidade firme e a vitória. Na base de alguns insucessos, como na Covina, encontramos fraca organização, facilitando a divisão dos trabalhadores e as avançadas das forças repressivas.

— Nos choques violentos contra as forças repressivas, prisões e despedimentos, os operários aprenderam que, ao criar a organização para a luta, há que preparar simultaneamente a defesa contra a repressão. Enfrentaram-na valentemente os ferroviários, pondo em fuga a PIDE das oficinas do Barreiro; os operários da Barros que obrigaram os pides a fugir e mantiveram a firmeza perante os ataques da polícia de choque; os da Covina que expulsaram a GNR que os queriam desalojar das suas casas.

— Onde a massa operária reagiu unida contra os despedimentos, os colegas foram readmitidos, como aconteceu na UTIC a no Portugal e Colónias, onde realizaram novas paralisações para a readmissão dos despedidos.

— A conjugação e coordenação de lutas em empresas similares e o seu desenvolvimento simultâneo em toda uma

vasta região, como agora aconteceu na zona industrial da Lisboa, margem sul e Baixo Ribatejo, tem mais poder ofensivo contra o patronato e o fascismo e consegue muito maiores êxitos do que a luta em empresas isoladas. Isto ficou largamente provado.

— As reivindicações levantadas pelos operários, discutidas em reuniões e amplas assembleias nas diversas empresas, correspondem aos anseios e necessidades prementes dos trabalhadores e têm aspectos específicos conforme as classes e empresas. Ressaltam no entanto factores comuns: — Nas grandes batalhas reivindicativas destes primeiros meses de 1969, os operários lançaram uma poderosa ofensiva contra a política fascista de congelamento de salários, exigindo aumentos de salários para poderem fazer face à subida vertiginosa do custo de vida.

— Lançando-se na batalha reivindicativa e enfrentando a repressão, os operários em luta atacam a política de exploração da ditadura fascista, agente do grande capital monopolista nacional e estrangeiro.

POR UMA CAMPANHA ELEITORAL DEMOCRÁTICA DE MASSAS

(continuação da 1.ª pág.)
nos últimos meses é um factor de extrema importância para alicerçar em bases sólidas a organização e a unidade da classe operária e das massas trabalhadoras, das forças democráticas em geral. As recentes lutas da classe operária na região de Lisboa, Baixo Ribatejo e Margem Sul, do Tejo, tal como a luta dos ferroviários, vieram dar uma nova força e maior dinamismo ao movimento democrático, que poderá ser ampliado e consolidado pela acção firme e unida dos democratas. No momento presente, a campanha eleitoral em curso favorece indubitavelmente esse objectivo.

M. Caetano e a sua camarilha fascista, julgam poder abafar os anseios de liberdade do povo português, recorrendo à

repressão. Agridem indistintamente homens e mulheres. Intimidam, prendem e torturam selvaticamente. Porém, os trabalhadores, os estudantes e os democratas resistem cada vez mais e com maior coragem. As suas acções alcançam importantes vitórias, quer impedindo prisões, quer obtendo a libertação de companheiros presos. Tais os casos recentes dos democratas de Braga, dos estudantes do Porto, dos ferroviários, dos operários da UTIC e tantos outros.

Não é possível deixar de salientar que estes resultados vitóricos foram o fruto da acção solidária das massas, em luta aberta pelas suas reivindicações económicas, políticas e sociais. A luta de massas é o justo caminho capaz de forçar o governo fascista a recuar.

Não, às «liberdades possíveis» do fascismo! Adiante, pela conquista da liberdade política!

A demagogia «liberalizante» era também uma arma com que M. Caetano e os seus apaniguados contavam para confundir os democratas e as massas e, finalmente, isolar o Partido Comunista. É preciso reconhecer, porém, que, pelo menos de princípio, esta tentativa encontrou algum eco em certos meios democráticos. Os governantes fascistas sentiram-se por isso encorajados a abordar, directa ou indirectamente, alguns democratas, com vista a serem incluídos nas listas da «União Nacional» para as próximas «eleições» para deputados.

As lutas de massas contra a política anti-nacional do novo ditador e a firmeza da maioria dos democratas portugueses deitou por terra estes maneios «liberalizantes». Lamentável, porém, é que alguns democratas tenham embarcado na galera «liberal» de Caetano e, mais do que isso, tenham tentado, por todos os meios e processos, recrutar companheiros para essa viagem divisionista.

Das palavras e promessas «liberalizantes» de M. Caetano à «liberdade suficiente», às «liberdades possíveis», ao «rigor da autoridade» foi um curto salto.

Uma carta para CANAIS ROCHA

Ao tomarem conhecimento das torturas a que estava a ser submetido o nosso camarada de Canais Rocha, militantes portugueses e belgas endereçaram-lhe a seguinte carta:

Querido camarada:

«Nós, militantes sindicalistas, portugueses e belgas, queremos expressar-lhe todo o nosso apoio e admiração pela luta que travas um nome da classe operária internacional contra os reacçãoários burgueses e seus agentes, a PIDE e o governo de Marcelo Caetano.

É com a mais profunda emoção, querido camarada, que te dizemos: «A classe operária de todo o mundo tem os olhos postos em ti nesta hora em que travas um duro combate pela vitória da classe operária e do povo português. A tua firmeza e o teu exemplo é já uma vitória da classe operária portuguesa e internacional».

Viva e classe operária portuguesa.
Viva a solidariedade dos operários de todo o mundo.

(seguem-se assinaturas)

Esta carta testemunha o amplo eco da conduta firme dos comunistas ante o inimigo. Embora presos e torturados, os nossos heróicos camaradas continuam, com o seu exemplo, a dar uma contribuição efectiva à luta do povo português.

LUTAS NO SECTOR INTELECTUAL

Os médicos estagiários e voluntários do Hospital de Santa Maria fizeram greve e venceram. A reivindicação apresentada era a de passarem a ser remunerados, ou cessar de vez o regime de estágio. Após várias reuniões para discutirem os seus problemas, os assistentes de todas as Faculdades de Coimbra enviaram uma exposição ao ministro da Educação Nacional reclamando aumento de ordenado e representação no Conselho Escolar e no Senado.

«Luto Académico» na Universidade do Porto GREVES, PLENÁRIOS, MANIFESTAÇÕES

Correndo prontamente ao apelo do reitor, dezenas de praças da polícia de choque, sob as ordens directas do comandante da PSP do Porto, ocuparam a Faculdade de Ciências do Porto, onde cerca de 1.000 estudantes realizavam um plenário. Rapazes e raparigas foram brutalmente agredidos com matracas o mesmo acontecendo a numerosos populares que de fora se aperceberam indignados do

que se passava. Reagindo prontamente, cerca de 2.000 estudantes reunidos em novo plenário reclamaram a demissão do reitor num telegrama de protesto enviado a M. Caetano e numa moção ao Senado Universitário, aprovado unanimemente por cerca de 2.000 votos. Além da aprovação dos «8 Pontos» e da eleição de 3 elementos para a Comissão Nacional, o plenário ratificou o «luto académico» que, entretanto, já havia começado em várias escolas, fixando o «Dia de Protesto» para 6 de Março.

Seguidamente, em cortejo silencioso, que provocou o apoio da população, os 2.000 estudantes dirigiram-se para a Cantina do CUP para confraternizar. A polícia voltou a intervir cercando o edifício e prendendo 2 estudantes. Uma comissão de delegados dirigiu-se imediatamente ao vice-reitor para exigir a retirada da polícia e a libertação dos seus colegas presos. E só depois de terem sido atendidos nestas justas reclamações, os estudantes decidiram abandonar o local.

O «Dia de Protesto» foi amplamente seguido em todas as Faculdades: greves em Ciências e em Farmácia (100%), em Engenharia (95%), em Economia (85%), em Medicina (80%); reuniões gerais e comícios em quase todas as escolas, nomeadamente no Instituto Industrial do Porto e vários liceus. Em Belas-Artes, numa aula magna convocada pelos professores é decidido o envio de um protesto ao Ministro da Educação contra

a atitude policial do reitor. Na realização de um terceiro plenário, com a participação de cerca de 2.500 estudantes, estiveram presentes uma delegação de Coimbra, composta por dezenas de estudantes, e outra delegação de Lisboa. Os estudantes do Porto não estão sós na sua luta, tal como o comprovaram também os telegramas de apoio que lhes foram enviados pelos estudantes do Instituto Superior de Agronomia, reunidos em Reunião Geral de Alunos, do Instituto Superior Técnico, reunidos em reunião de sócios da sua Associação, e dos corpos dirigentes da lista vencedora da Associação Académica de Coimbra.

Num abaixo-assinado ao ministro da Educação Nacional, com numerosas assinaturas de democratas, os signatários declaram-se solidários com os estudantes do Porto. A legalização urgente das suas associações é justamente considerada pelos estudantes do Porto como uma das condições fundamentais para a normalização da vida académica.

Com verdadeira audácia combativa, os estudantes do Porto deram um importante passo para o fortalecimento e desenvolvimento do movimento estudantil à escala nacional, pela legalização das Associações Escolares em todas as faculdades, institutos e liceus, na luta contra a repressão e as provocações fascistas, pela autonomia da Universidade, pela reforma e democratização do ensino.

VITÓRIAS DO MOVIMENTO PELA AMNISTIA

A recente libertação de Afonso Gregório, José Bernardino e Manuel Rodrigues, pouco tempo depois da de Alda Nogueira e Ligia Calapez, são vitórias importantes do movimento pela amnistia. Conseguimos arrancar à prisão alguns dos presos políticos cuja liberdade vinha sendo reclamada com abaixo-assinados e acções de protesto no país e no estrangeiro. Isto anima-nos a prosseguir a luta pela libertação dos que há longos anos continuam encarcerados, como Joaquim Pires Jorge, Octávio Pato, Blanqui Teixeira, Dias Lourenço, Carlos Costa, José Carlos, Fernanda Tomás e tantos outros.

A persistente campanha de desmascaramento dos crimes e métodos de tortura da PIDE, da desumana situação prisional e da deficiente assistência médica e hospitalar nos cárceres políticos, também já obrigou o governo caetanista a dar uma resposta à opinião pública: em fins de Março, os ministros do Interior e da Justiça, acompanhados pelo director da PIDE e director-geral dos Serviços Prisionais visitaram a fortaleza de Caxias e o hospital-prisão de S. João de Deus e definiram os moldes de utilização desses serviços clínicos pelos presos políticos. Propaganda demagógica, antes de

tudo, esta visita significa no entanto que o aumento da luta em defesa dos presos políticos começa a causar preocupações ao fascismo. Mas tal como Salazar, Caetano não cederá sem uma forte luta.

Os êxitos já conseguidos devem-se à intensificação da luta por amnistia que tem vindo a crescer desde a tomada de posse de M. Caetano: — Mulheres de assinaturas exigindo amnistia foram enviados nos últimos meses ao governo. O grito unânime de «AMNISTIA!» ecoou por todo o país durante as comemorações do 31 de Janeiro, nas salas das sessões, nas ruas do Porto e em Lisboa quando do funeral de António Sérgio.

Numerosas iniciativas de solidariedade internacional, particularmente na União Soviética e em França, reforçam a luta por amnistia em Portugal.

Pressionado por esta forte ofensiva, o governo caetanista foi obrigado a recuar. Não estamos a exagerar a importância desta vitória se recordarmos que a liberdade para Afonso Gregório significou a anulação duma sentença de morte certa. A sua saúde não resistiria a mais 3 anos de prisão, se fosse obrigado a cumprir as «medidas de segurança».

Podemos pois concluir que a sua libertação e a dos outros camaradas foi uma vitória e vem comprovar que no actual momento político se abrem novas perspectivas à luta por amnistia.

Com entusiasmo, maior coordenação de esforços e unidade, conseguiremos novas vitórias!

APÓS O DIA 8 DE MARÇO

A pujança do movimento reivindicativa no nosso País, a par das lutas populares de massas, onde participam milhares e milhares de mulheres, são uma poderosa arma contra a censura fascista que muitos jornalistas honestos souberam aproveitar dando especial relevo ao Dia Internacional da Mulher e à situação da mulher portuguesa em luta pelos seus direitos fundamentais. O atraso económico, social e político vieram a lume na imprensa diária. Da mesma forma, foi levado ao conhecimento público o comunicado de um grupo de 20 mulheres de Coimbra, salientando problemas de grande actualidade e interesse para o desenvolvimento de um movimento de mulheres ao nível nacional. «Não bastará que as leis proclamem a igualdade jurídica dos 2 sexos para que tal igualdade tenha um efeito prático» dizem as mulheres de Coimbra, acrescentando que «não é suficiente atribuir, abstractamente, direitos à mulher; é necessário criar, ao mesmo tempo as condições sociais necessárias ao seu exercício». Referindo-se à dupla função social da mulher, afirmam com razão: «São escassas nomeadamente as creches, os infantários, os jardins-escolas, os restaurantes, as cantinas, as lavandarias». Por iniciativa de outro grupo de mulheres, realizaram-se no Porto um Convívio e um Colóquio, com a participação de cerca de

600 pessoas. No Colóquio foram abordados problemas como «A Mulher e a Educação»; a inferioridade da mulher portuguesa no plano social, político, profissional e familiar; a dupla exploração económica da trabalhadora, claramente manifestada nas diferenças salariais; as privações da mulher trabalhadora, nomeadamente a camponesa; as dificuldades de ingresso no trabalho nas profissões que exigem formação universitária; assim, a maioria das intervenções no Colóquio enquadrou os problemas da mulher na situação política, vida no nosso país, sob o fascismo há 4 longas décadas, particularmente agravada nos últimos 8 anos pelas criminosas guerras coloniais. Armados de matracas e pistolas, um grupo de 40 jovens fascistas, acobertados por agentes da PIDE, dispunha-se a assaltar o local do Convívio, mas foram postos em débanda pela acção pronta e enérgica dum numeroso grupo de jovens democratas participantes no Convívio. A conclusão fundamental das realizações levadas a cabo pelas mulheres anti-fascistas no Dia Internacional da Mulher, foi a necessidade de reforçar e alargar as lutas pelas reivindicações económicas, sociais e políticas das massas femininas e tornar mais activa a sua participação na luta contra a repressão, pela amnistia, pela paz.

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Afonso Gregório	450\$00	vermelho	10\$00	Justiça do Povo	100\$00	Panova	120\$00
Alfaiate vermelho	100\$00	Cholekov	60\$00	idem	50\$00	Padro Soares (7-8)	200\$00
A memória de Fernando Vicente (7)	50\$00	Colheira	150\$00	Liberdade para os presos políticos	2.500\$00	Pala revolução	100\$00
idem (8)	50\$00	Com o Partido	100\$00	« Ant. Dias Lourenço	500\$00	idem	2.000\$00
Amicus (4 e 7)	100\$00	idem	200\$00	Libertação de Pires Jorge	300\$00	idem	550\$00
Amiga do Partido	300\$00	Comerciante comunista	300\$00	idem	145\$00	idem (II)	10\$00
Amigos e arrelores	300\$00	Comunista vermelho	100\$00	idem	200\$00	idem	52\$50
idem	500\$00	Davidov (8)	500\$00	idem	220\$00	Presos políticos	150\$00
idem	100\$00	Democrata	200\$00	Manuel Rodrigues II	10\$00	Prof. Pulido Valente (7-8-9)	70\$00
idem	100\$00	idem	200\$00	Manuel R. da Silva	10\$00	Reforma Agrária	100\$00
idem	100\$00	Democrata de esquerda	500\$00	Memória de M. R. de Silva	1.000\$00	Regério de Carvalho	540\$00
idem	2.000\$00	Democracia socialista	1.200\$00	Metalingico	60\$00	Saudoso e querido camarada Manuel R. da Silva	500\$00
António (8)	100\$00	De objecto	110\$00	« amigo	5\$00	Sedov (2-3-4-5-6)	500\$00
Anti-colonial	800\$00	Dias Coelho	20\$00	idem	5\$00	Serra vermelha (I)	5.000\$00
Aurélio Dias	120\$00	idem	10\$00	Mocambique livre	100\$00	idem (2)	1.000\$00
Avante	600\$00	idem	10\$00	« independente	66\$00	idem	100\$00
Avanti classe operária I	420\$00	Filho de peixe sabe nadar	20\$00	Natal verde	250\$00	Serradura	100\$00
idem	600\$00	idem (9-10)	40\$00	idem	250\$00	Sofia	500\$00
Bento Gonçalves (A)	1.000\$00	Gogol	30\$00	Natal dos perseguídos políticos	100\$00	Ferreira	500\$00
idem (AA)	757\$00	Ho Chi Minh	120\$00	idem	240\$00	Simpatizante do P.C.P.	200\$00
Beira vermelha	1.200\$00	Imprensa democrática (8-9-10)	150\$00	No bom caminho I	1.000\$00	idem	100\$00
Campanha Natal	405\$00	Iniciativa AR	250\$00	Os dois sind. catistas	120\$00	Tarrafal (8-9-10)	1.410\$00
Carriço	40\$00	Intelectual vermelho	100\$00	Ouvires	15\$00	TOTAL	36.671\$60
Carpinteiro		idem	150\$00				

LÉNINE

teórico, homem de acção e revolucionário

No dia 22 de Abril, há 99 anos, nasceu Lénine. Em cada ano os comunistas, trabalhadores e homens progressistas de todos os países prestes neste dia homenagem à memória do fundador do Partido Comunista da União Soviética, dirigente da primeira revolução socialista e obreiro do primeiro Estado socialista do Mundo.

Na União Soviética, o dia 22 de Abril deste ano marcará o início dos preparativos para as grandes comemorações que assinalarão, no próximo ano, o centenário do nascimento do nascimento de Lénine: — Um século que fica marcado na História pela acção deste revolucionário genial. De todos os monumentos a Lénine, o mais válido e impercível é o sistema socialista mundial cujos alicerces ele construiu e que se tornou o factor decisivo da evolução da sociedade humana para um futuro em que será definitivamente eliminada da face da Terra a exploração do homem pelo homem.

Toda a história contemporânea está ligada ao nome de Lénine, genial continuador da doutrina revolucionária de Marx e Engels. Se Lénine foi o mais profundo teórico e continuador do marxismo, é porque foi ao mesmo tempo homem de acção e revolucionário. Precisamente «porque o marxismo não é um dogma morto, uma doutrina acabada, imutável, mas um guia vivo para a acção», como ele afirmava, repetindo a fórmula clássica de Marx e Engels. «Perdendo de vista este aspecto do marxismo (dizia Lénine) tornamos o marxismo uma coisa unilateral, disforme e morta; despojamo-lo da sua quinta-essência, solapamos as suas bases teóricas fundamentais — a dialéctica, doutrina da evolução histórica, multiforme e plena de contradições; enfraquecemos a sua ligação com os problemas práticos e concretos da época, susceptíveis de se modificarem a cada viragem da história».

Essa ligação com os problemas práticos e concretos da sua época fez com que Lénine desenvolvesse o marxismo na época do imperialismo e das revoluções proletárias. Partindo dos princípios fundamentais elaborados por Marx, ele procedeu à análise do imperialismo,

última fase do capitalismo, e daí concluiu a possibilidade da vitória do socialismo num ou noutro país capitalista, isoladamente.

Aliando a força da teoria e a sua experiência prática da organização do movimento proletário, Lénine elaborou a teoria do partido de novo tipo; da revolução socialista e da ditadura do proletariado nas suas diversas formas; da democracia socialista e da aliança da classe operária com o campesinato e com todos os trabalhadores; a teoria da questão nacional e do problema agrário e da edificação da sociedade socialista.

As teorias leninistas não constituem só o arsenal ideológico do Partido Comunista da União Soviética, elas são a arma ideológica de todo o movimento comunista e nacional-libertador mundial.

Como criador da Internacional Comunista e chefe do movimento revolucionário internacional, Lénine deu uma colossal contribuição à elaboração da estratégia e da táctica do movimento comunista. Lutou infatigavelmente pelo fortalecimento da unidade do proletariado e considerava a unidade da classe operária premissa básica para a vitória do comunismo à escala mundial.

Uma das principais preocupações de Lénine foi a educação do Partido, do povo soviético e do movimento comunista mundial no espírito da solidariedade internacional. «O capital é uma força internacional (acentuava Lénine). Para triunfar sobre ele é necessária a união internacional dos operários, a fraternidade internacional».

Fiel seguidor dos seus ensinamentos, o Partido Comunista da União Soviética sempre tem elevado bem alto a bandeira do internacionalismo proletário. Na perigosa situação criada pelas provocações da clique de Mao-Tsé-Tung contra a União Soviética, tem sido com exemplar serenidade e firmeza que o glorioso Partido de Lénine tem sabido rechazar os ataques armados e as calúnias e provocações, mantendo na prática as afirmações leninistas: «Somos contrários à hostilidade e à discórdia entre as nações e à exaltação nacional-chauvinista. Somos internacionalistas!»

CONFERÊNCIA DE KHARTUM

Por iniciativa da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos e do Conselho Mundial do Povo, em cooperação com os Movimentos Africanos de Libertação, realizou-se de 18 a 20 de Janeiro em Khartum, capital do Sudão, uma Conferência Internacional de apoio aos povos das Colónias Portuguesas e da África Austral (Rodésia, África do Sul e Sudoeste Africano).

O objectivo principal da Conferência foi o de intensificar, à escala mundial, o apoio moral, material e político aos movimentos de libertação e promover a unidade da sua luta pela independência nacional e pela democracia, contra o colonialismo e o imperialismo. Delegações de mais de 50 países e dum grande número de organizações internacionais estiveram reunidas durante três dias em Khartum para discutirem as formas de acção mais adequadas a desenvolver com vistas ao fortalecimento dessa tripla luta dos povos ainda submetidos ao jugo do colonialismo.

Uma delegação portuguesa, em representação das forças democráticas portuguesas que se opõem activamente à criminosa guerra colonial esteve presente na Conferência e foi a única, além das organizações que a promoveram e dos

movimentos africanos de libertação, que teve a honra de intervir na sessão plenária, no que foi particularmente apoiada pelas delegações dos movimentos de libertação das colónias portuguesas. (M.P.L.A., P.A.I.G.C. e FRELIMO).

Afirmando o apoio e a solidariedade dos anti-fascistas portugueses à luta dos patriotas de Angola, Guiné e Moçambique pela sua libertação e independência, o chefe da delegação portuguesa disse a certa altura da sua intervenção: «Nós estamos ao lado dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, nós consideramo-los como nossos aliados naturais na nossa luta comum contra o regime fascista e colonialista». E mais adiante acrescentou: «O nosso povo sabe muito bem que o que se encende por detrás da guerra colonial não é a defesa da pátria, mas a defesa dos monopólios sem pátria que, associados ao imperialismo estrangeiro, exploram também as nossas riquezas nacionais».

A Conferência aprovou várias recomendações e resoluções. Entre estas figura a da realização, em data a determinar, dum conferência de Europa ocidental em apoio à luta dos povos das colónias portuguesas.

PASSEMOS A NOVA FASE na batalha pelo recenseamento

Em 15 de Março terminou a primeira fase do recenseamento — a inscrição nos cadernos eleitorais. Às Comissões Promotoras de voto, Comissões Cívicas, Comissões Auxiliares do Recenseamento e a todos os democratas, abre-se uma nova fase da batalha pelo recenseamento efectivo de todos os portugueses: — a fiscalização dos resultados do recenseamento.

Tanto as comissões já formadas como cada anti-fascista têm que agir, com esforços bem coordenados e com muita firmeza, contra as ilegalidades e fraudes fascistas, contra os cortes nos cadernos dos cidadãos recenseados que não estiverem nas boas graças das autoridades e da PIDE.

Nesta nova fase da batalha para as próximas «eleições» torna-se ainda mais necessário um reforço das formas de organização já criadas e novos passos na estruturação do movimento democrático que passará a actuar num plano de mais intensa actividade política para a apresentação de candidaturas democráticas e preparação da propaganda eleitoral.

SOCORRO IMEDIATO às vítimas dos temporais

As dramáticas consequências do sismo de 28 de Fevereiro e das inundações do mês de Março em várias regiões do país, tal como já acontecera com as inundações na região de Lisboa e Ribatejo em Novembro de 1967, são em grande parte o resultado da incuria e da incapacidade do governo para resolver os problemas nacionais mais instantes.

O tremor de terra veio agravar as já perigosas condições de habitabilidade e segurança da maior parte da população trabalhadora nas regiões mais atingidas, e, clamorosamente, os edifícios onde deveriam ser mais perfeitas tais condições, como o Hospital de S. José, velusto edifício a ameaçar ruína há já longos anos, e vários outros hospitais que ruíram total ou parcialmente no algarve e Alentejo.

No Algarve desmoronaram-se ou ficaram parcialmente destruídas pelo tremor de terra muitas habitações da população trabalhadora. Os grandes e modernos hotéis e as vivendas ali construídas para os milionários nada sofreram.

No Pinhal novo, uma operária sucumbiu esmagada pela derrocada de um barracão que o sismo de Fevereiro deixara perigosamente danificado.

Milhares de desalojados em todo o país. Vidas perdidas e vidas em perigo nas barracas dos bairros periféricos das cidades e nos casebres que abundam por toda a parte. Aldeias semi-submersas e isoladas, sem géneros alimentícios, sem médicos, sem correio. Centenas e centenas de famílias obrigadas a abandonar os seus modestos haveres nas casas alagadas. Alarmantes escorregamentos de terras, como na encosta do Grilo que puseram em perigo os habitantes de Vila Dias, desalojados e passando as noites ao relento.

Milhares de operários agrícolas no desemprego, sem salários, a braços com a fome e a miséria. Centenas e centenas de pequenos camponeses atingidos por incalculáveis prejuízos tanto no continente como nos Açores.

Os temporais e inundações do mês de Março vieram de novo pôr a nu as deploráveis condições de abandono a que o governo fascista tem condenado as massas laboriosas, assim como a falta de regularização dos rios e de sérios trabalhos de consolidação de terrenos,

indispensáveis à defesa da vida e haveres das populações ribeirinhas.

Marcelo Caetano ajeitou a sua máscara sorridente e passou ao Algarve após o sismo. Com pancadinhas nas costas e o perito de mão resumiu nestas palavras todo o programa da cajuada do fascismo: «É preciso esquecer a má hora!»

Entretanto, nessa mesma altura era votada uma verba de 2 milhões de contos pelo seu governo para «prossequir o reequipamento extraordinário do exército e da aeronáutica» e, dias depois, Caetano ousava afirmar a um jornalista brasileiro que as vultosas despesas com as guerras coloniais «não são insustentáveis para o país que continua a fazer a sua vida normal»!

Para M. Caetano, faziam «vida normal» o casal de trabalhadores soterrados sob os destroços da sua barraca na Quinta do Valpoim; as 6 famílias que viviam na gruta dos antigos fornos de cal do Alvíto e que até este miserável abrigo perderam com os temporais; as famílias que habitam as 1.800 barracas em perigo de desabamento em Moscavide; as centenas de famílias que tiveram de abandonar, pelo mesmo motivo, as barracas na Banática. Fazem vida normal as centenas de milhares de pessoas que vivem em condições sub-humanas em casebres e nos miseráveis «bairros de lata» espalhados por todo o país, tal como é absolutamente «normal», para M. Caetano, que as Câmaras Municipais cobrem rendas de centenas de escudos mensais por barraca em muitos daqueles «bairros».

Sem luta, o governo ou dará umas quantas esmolas ou não dará mesmo nada. Com abaixo-assinados, concentrações e delegações representativas, as populações atingidas devem exigir imediatamente das Câmaras Municipais e do governo.

— Verbas para a construção de bairros de renda económica para alojar, em condições condignas, todas as famílias sinistradas;

— Subsídios de desemprego aos assalariados rurais e subsídios aos camponeses pobres para reparar os prejuízos sofridos;

— Subsídios para as famílias mais necessitadas que perderam os seus haveres.

Que sejam tomadas medidas imediatas e eficazes para atender aquelas justas reclamações!

Rádio Portugal Livre

Transmite todos os dias das 8 às 8,50 em 19 metros; das 19 às 21 horas em 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,50 em 26, 32 e 36 metros.

Aos domingos uma emissão especial dedicada aos camponeses vai para 5 ar das 13 às 13,50 em 19, 20, 25 e 26 metros.

Voz da Liberdade

Transmite todas as quartas e sábados a partir da 1,15 (da madrugada) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e em ondas médias de 250 e 320 metros.